A UTILIZAÇÃO DAS ARTES VISUAIS NA CAMPANHA "PROTEJA SEU ANJO DA GUARDA": COMBATE À DESINFORMAÇÃO E DEFESA DOS PRIMATAS DURANTE A FEBRE AMARELA

Eudécio Carvalho Neco [1]

1. INTRODUÇÃO

A febre amarela silvestre é transmitida por mosquitos e afeta principalmente a fauna selvagem. Nos últimos anos, no estado do Rio Grande do Sul, o aumento de casos de febre amarela gerou um pânico entre a população, que passou a caçar e matar os macacos, acreditando erroneamente que esses animais eram transmissores da doença. No entanto, os primatas não transmitem a febre amarela. Segundo Oliveira e colaboradores (2021), os mosquitos são os principais vetores da febre amarela, e não os macacos. Os macacos funcionam como sentinelas, alertando sobre a presença do vírus, mas não transmitem a doença.

De acordo com a Nota Informativa Nº 25 – Conjunta DVE/DVAS CEVS, de novembro de 2023, a análise das taxas de vacinação humana revelou insuficiência em várias áreas, comprometendo o controle epidemiológico da febre amarela e aumentando os riscos à saúde pública. Regiões como Riozinho, Três Coroas, São Borja e Santo Antônio das Missões, onde ocorreram mortes de macacos por febre amarela em outubro de 2023, exigem atenção urgente. A baixa cobertura vacinal humana impede a interrupção da cadeia de transmissão, ressaltando a necessidade de ações imediatas para proteger tanto a saúde humana quanto a fauna local (BRASIL, 2025).

A febre amarela é um problema histórico, com registros anteriores a 2009. No Rio Grande do Sul, já se observavam sinais de vulnerabilidade à febre amarela silvestre, incluindo casos esporádicos de mortes de macacos, como os registrados em 2007 e 2008. O Conselho Regional de Biologia (2025) relata que nesses anos ocorreram mortes de macacos bugios devido à doença, o que gerou uma crescente preocupação sobre a presença do vírus na região. Contudo, foi somente em 2009, com o aumento do número

[1] Cirurgião-Dentista, Artes Visuais, Biólogo, Graduando em Educação do Campo pela UERN, Doutorando em Ecologia e Conservação pela UEPB e Gerente Operacional de Educação Ambiental, Educação do Campo e Educação Contextualizada na GEEDI/SEEPB, eudecio.neco@see.pb.gov.br.

de casos e a intensificação das mortes de macacos, que se percebeu a necessidade de uma abordagem mais sistemática para a conscientização pública.

A campanha "Proteja Seu Anjo da Guarda" foi criada para corrigir essa desinformação e promover a compreensão de que os macacos não devem ser perseguidos, mas sim protegidos. Iniciada no dia 3 de abril de 2009, impulsionada pelo biólogo Júlio César Bicca-Marques, a campanha incluiu uma série de ações, como exposições de artesanato, teatro, vídeos educativos, entrevistas em rádios e televisões, e palestras.

A campanha teve o objetivo de sensibilizar a população sobre o papel dos macacos como sentinelas da febre amarela, alertando sobre o risco de extinção desses animais devido à falta de informação correta. De acordo com Bicca-Marques (2010, p. 123) os macacos bugios atuam como sentinelas naturais da febre amarela, morrendo antes que o vírus chegue aos seres humanos, o que indica a necessidade de ações preventivas, como a vacinação da população humana.

Para combater essa desinformação e a violência contra os macacos, diversas formas de arte, como teatro, histórias em quadrinhos e mídias sociais, foram utilizadas para esclarecer o verdadeiro papel dos macacos e desmistificar a associação equivocada com a propagação da doença.

Este artigo analisa como essas ferramentas artísticas podem ser eficazes na educação, destacando sua relevância na preservação da biodiversidade e na conscientização ambiental. A pesquisa incluiu a análise de documentos, observação das mídias sociais e entrevistas com os organizadores, com o objetivo de avaliar o impacto da campanha na transformação social e na proteção dos primatas.

2. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, fundamentada na análise documental e bibliográfica da campanha de educação ambiental “Proteja Seu Anjo da Guarda”, desenvolvida com o propósito de sensibilizar a população sobre a conservação dos primatas, especialmente os bugios (*Alouatta* spp.), e sua importância como sentinelas epidemiológicas da febre amarela.

A investigação foi estruturada a partir da identificação e análise das estratégias educativas e comunicacionais utilizadas na campanha, considerando a integração entre arte, divulgação científica, educação ambiental e saúde pública. Foram examinadas cinco

modalidades de intervenção: artes visuais, teatro científico, histórias em quadrinhos, mídias digitais e mobilização social.

A análise das artes visuais contemplou pinturas, ilustrações e exposições realizadas em espaços públicos e instituições culturais, com destaque para o Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Buscou-se compreender como as representações artísticas contribuíram para desconstruir percepções equivocadas sobre os primatas e comunicar sua importância para a vigilância epidemiológica.

No campo das artes cênicas, foi considerada a peça teatral “O Ronco, o Zumbido e a Febre Amarela”, analisando-se sua utilização como recurso de comunicação científica e sensibilização socioambiental. Também foram examinadas as histórias em quadrinhos produzidas no contexto da campanha, considerando sua linguagem, acessibilidade e potencial educativo, especialmente para o público infantojuvenil.

A investigação contemplou ainda as estratégias de comunicação digital desenvolvidas por meio de redes sociais, vídeos e plataformas virtuais, incluindo a iniciativa “Celebridades contra a Febre Amarela”. Nessa etapa, foram considerados os recursos comunicacionais empregados para ampliar a circulação de informações científicas e combater a desinformação relacionada à transmissão da febre amarela.

Por fim, foi analisado o episódio de mobilização social associado à petição internacional “Netflix: Stop Threatening the Lives of Howler Monkeys!”, lançada em 2017, como exemplo de participação pública no enfrentamento de informações equivocadas sobre os bugios.

Os materiais foram examinados mediante análise temática de conteúdo, organizados em três categorias: (i) estratégias artísticas e educativas; (ii) comunicação científica e enfrentamento da desinformação; e (iii) sensibilização socioambiental e mobilização em defesa dos primatas.

A interpretação dos dados buscou identificar as contribuições das diferentes linguagens artísticas para a divulgação científica, a educação ambiental e a valorização dos primatas na saúde pública. Considerando a natureza documental da investigação, a análise concentrou-se nas estratégias desenvolvidas e em seus resultados relatados, sem estabelecer relações causais diretas entre as intervenções e mudanças no comportamento da população.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

A utilização das artes visuais como instrumento de educação ambiental e divulgação científica constitui uma estratégia relevante para a sensibilização da sociedade acerca de questões relacionadas à saúde pública e à conservação da biodiversidade. Segundo Barbosa (1998), a arte possibilita a construção de conhecimentos por meio da leitura, contextualização e interpretação de imagens, contribuindo para o desenvolvimento da percepção crítica e da compreensão da realidade social.

Nesse contexto, a educação ambiental, conforme Jacobi (2003), deve ultrapassar a transmissão de informações, promovendo a participação social e a formação de sujeitos críticos diante dos problemas socioambientais. A integração entre arte e educação ambiental permite abordar questões científicas por meio de linguagens acessíveis, favorecendo a aproximação entre conhecimento, cultura e sociedade.

A divulgação científica também desempenha papel fundamental nesse processo. Bueno (2010) destaca a importância da comunicação do conhecimento científico para públicos não especializados, considerando a necessidade de adequação das linguagens e dos recursos comunicacionais. Nessa perspectiva, pinturas, ilustrações, histórias em quadrinhos e outras manifestações artísticas podem contribuir para a compreensão de fenômenos epidemiológicos e para o enfrentamento de informações equivocadas.

No caso da febre amarela, os primatas não humanos, especialmente os bugios (Alouatta spp.), apresentam relevância para a vigilância epidemiológica, uma vez que a ocorrência de epizootias pode indicar a circulação do vírus em determinadas regiões. Entretanto, a associação equivocada desses animais à transmissão direta da doença aos seres humanos favorece atitudes de perseguição e morte, comprometendo sua conservação. Dessa forma, a comunicação científica torna-se essencial para esclarecer que a transmissão ocorre por meio de mosquitos infectados, e não pelo contato direto com os macacos.

A campanha “Proteja Seu Anjo da Guarda” insere-se nessa perspectiva ao articular manifestações artísticas e conhecimentos científicos para sensibilizar a população sobre a importância da proteção dos primatas. A utilização de representações visuais dos bugios, associadas à sua função de sentinelas epidemiológicas, constitui uma estratégia de ressignificação da imagem desses animais, frequentemente relacionada ao medo e à desinformação.

Conforme Wardle e Derakhshan (2017), a circulação de informações falsas ou enganosas representa um desafio para a comunicação pública, exigindo estratégias capazes de promover a compreensão crítica das mensagens. Assim, as artes visuais podem atuar como mediadoras entre ciência e sociedade, contribuindo para o enfrentamento da desinformação e para a valorização da fauna silvestre.

Portanto, a articulação entre artes visuais, educação ambiental e divulgação científica apresenta potencial para fortalecer práticas educativas voltadas à conservação dos primatas e à prevenção da febre amarela, evidenciando a importância de estratégias comunicacionais que integrem conhecimento científico, sensibilização socioambiental e participação social.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das estratégias desenvolvidas pela campanha “Proteja Seu Anjo da Guarda” evidenciou a utilização de diferentes linguagens artísticas e recursos de comunicação para o enfrentamento da desinformação relacionada à febre amarela e à conservação dos primatas não humanos. Entre as iniciativas identificadas, destacaram-se as produções em artes visuais, o teatro científico, as histórias em quadrinhos, os materiais audiovisuais e as mobilizações digitais, demonstrando a articulação entre educação ambiental, divulgação científica e participação social.

As artes visuais constituíram um dos principais recursos de sensibilização da campanha, por meio de pinturas, ilustrações e representações dos bugios (Alouatta spp.). Essas produções buscaram desconstruir a associação equivocada dos primatas à transmissão direta da febre amarela, apresentando-os como animais vulneráveis à doença e importantes sentinelas epidemiológicas. A construção de uma identidade visual associada à expressão “anjo da guarda” contribuiu para estabelecer uma narrativa simbólica de proteção e valorização desses animais. Essa abordagem dialoga com Graham (2009), ao reconhecer a arte ambiental como possibilidade de reflexão crítica sobre as relações entre sociedade e natureza.

As exposições artísticas realizadas em espaços públicos e instituições culturais, incluindo o Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), representaram estratégias de aproximação entre conhecimento científico e população. A utilização desses espaços possibilitou abordar a importância ecológica dos primatas e sua participação na vigilância epidemiológica, ampliando as

possibilidades educativas para além dos ambientes escolares. Nesse sentido, Barbosa (1998) destaca a relevância das imagens na construção de conhecimentos e na interpretação crítica da realidade.

No campo das artes cênicas, a peça "O Ronco, o Zumbido e a Febre Amarela" integrou a proposta de comunicação científica da campanha, utilizando recursos dramáticos para representar a relação entre os mosquitos vetores, os primatas e a população humana. A linguagem teatral permitiu abordar questões relacionadas ao medo, à desinformação e à perseguição dos bugios, associando conhecimentos epidemiológicos a situações de sensibilização socioambiental. Moreira e Marandino (2015) reconhecem o teatro científico como uma estratégia educativa que favorece o diálogo entre ciência, cultura e sociedade.

As histórias em quadrinhos também integraram as estratégias de comunicação, especialmente pela combinação de elementos visuais e narrativos acessíveis ao público infantojuvenil. As produções apresentaram informações sobre a função dos primatas como sentinelas da febre amarela e a importância de sua conservação. A utilização dessa linguagem evidencia o potencial das narrativas ilustradas para a divulgação de conhecimentos científicos, conforme a perspectiva de Bueno (2010), que ressalta a necessidade de adequação da comunicação científica aos diferentes públicos.

A ampliação da campanha para plataformas digitais, incluindo Facebook, YouTube e blogs, representou outra dimensão das estratégias educativas identificadas. A iniciativa "Celebridades contra a Febre Amarela" incorporou a participação de personalidades públicas na divulgação de mensagens relacionadas à prevenção da doença e à proteção dos primatas. Essas ações demonstram a utilização de recursos audiovisuais e redes sociais como espaços complementares de comunicação socioambiental, embora os materiais examinados não permitam determinar quantitativamente seu alcance ou sua influência sobre o comportamento da população.

Outro episódio relevante foi a mobilização internacional relacionada à série 72 Dangerous Animals: Latin America, disponibilizada pela Netflix. Segundo o relato da Rainforest Rescue (2017), a divulgação de informações equivocadas sobre os bugios motivou a criação da petição "Netflix: Stop Threatening the Lives of Howler Monkeys!", que reuniu mais de 130 mil assinaturas e reivindicou a correção do conteúdo apresentado. O episódio evidencia a capacidade de mobilização social diante de informações

consideradas prejudiciais à conservação da fauna, demonstrando a importância da participação pública na contestação de conteúdos midiáticos.

A análise conjunta dessas iniciativas permite identificar três dimensões centrais da campanha: a utilização das linguagens artísticas para representar positivamente os primatas, a comunicação de conhecimentos científicos sobre a transmissão da febre amarela e a mobilização social em defesa da biodiversidade. Essas dimensões aproximam-se das discussões de Jacobi (2003), ao compreender a educação ambiental como um processo de formação crítica e participação social, e de Wardle e Derakhshan (2017), ao destacar os desafios relacionados à circulação de informações enganosas.

Embora os registros analisados indiquem a diversidade das estratégias educativas e sua capacidade de mobilizar diferentes linguagens e espaços de comunicação, não foram identificados dados suficientes para estabelecer relações causais entre a campanha e a redução da perseguição aos primatas. Dessa forma, os resultados devem ser compreendidos a partir das contribuições educativas e comunicacionais das ações documentadas, sem atribuir-lhes impactos comportamentais não mensurados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A campanha “Proteja Seu Anjo da Guarda” constitui uma experiência relevante de articulação entre artes visuais, educação ambiental e divulgação científica, evidenciando o potencial das manifestações artísticas para comunicar conhecimentos epidemiológicos, questionar representações equivocadas sobre a fauna silvestre e estimular a participação social em iniciativas de conservação da biodiversidade.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Artes Visuais; Informação; Arbovirose; Bugio.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M.. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BICCA-MARQUES, J. C. **O papel dos macacos bugios na vigilância epidemiológica da febre amarela**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010.

BICCA-MARQUES, J. C. **Proteja seu anjo da guarda: em defesa dos macacos e da biodiversidade. Campanha Proteja Seu Anjo da Guarda**. Disponível em: http://www.proteja-seu-anjo-da-guarda.org/. Acesso em: 17 mar. 2025.

BOAL, A. **O teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRASIL. Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul. **Nota Informativa nº 25 – Conjunta DVE/DVAS/CEVS**. Porto Alegre: SES/RS, nov. 2023. Disponível em: https://saude.rs.gov.br/inicial. Acesso em: 17 mar. 2025.

BUENO, W. C.. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais**. Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 1 esp., p. 1–12, 2010. DOI: https://doi.org/10.5433/1981-8920.2010v15n1espp1.

CONSELHO REGIONAL DE BIOLOGIA DA 3ª REGIÃO (CRBIO-03). **Febre amarela: sentinelas da natureza**. Disponível em: https://www.crbio3.gov.br/noticias/feveramarela. Acesso em: 17 mar. 2025.

GRAHAM, M. **A arte e a ecologia: refletindo sobre a relação entre arte e meio ambiente**. Londres: Routledge, 2009.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 189–205, 2003. DOI: https://doi.org/10.1590/S0100-15742003000100008.

MOREIRA, L.M.; MARANDINO, M. Teatro de temática científica: conceituação, conflitos, papel pedagógico e contexto brasileiro. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 21, n. 2, p. 511–523, 2015. DOI: https://doi.org/10.1590/1516-731320150020015.

OLIVEIRA, C. H.; ANDRADE, M. S.; CAMPOS, F. S. et al. Yellow fever virus maintained by Sabethes mosquitoes during the dry season in Cerrado, a semiarid region of Brazil, in 2021. **Viruses**, v. 15, n. 3, art. 757, 2023. Disponível em: https://www.mdpi.com/1999-4915/15/3/757. Acesso em: 18 mar. 2025.

RAINFOREST RESCUE. **Netflix: stop threatening the lives of howler monkeys!** 2017. Disponível em: https://www.rainforest-rescue.org/petitions/1127/netflix-stop-threatening-the-lives-of-howler-monkeys. Acesso em: 17 mar. 2025.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Strasbourg: Council of Europe, 2017.